

Stadium

N.º 46 ★ 20 DE OUTUBRO DE 1943



1\$50

BELENENSES-BENFICA

Curioso instantâneo de um embate entre José Pedro e Albino. João Vaz segue a jogada. . . (foto Nunes d'Almeida)

O futebol em Viana

O futebol atravessa um período de crise em Viana do Castelo — é a primeira impressão que se colhe numa rápida visita à linda cidade da beira-Lima.

Não há muitos anos existia em Viana um grande clube. Dedicava-se especialmente ao popular desporto, mas alargava a sua acção a várias modalidades.

Constantino da Encarnação, antigo jogador do Sport Lisboa e Benfica, elevado um dia à categoria de director da Federação Portuguesa de Futebol, contribuiu, com a sua acção pessoal, como jogador e dirigente, para o valor que o futebol chegou a possuir em Viana. O antigo campo de Monserrate, actualmente «Estádio dr. José de Matos», serviu de terreno neutro para uma final do campeonato de Portugal, entre o F. C. Porto e o Sporting, em 1924. Severino Costa, nadador que se fez depois jornalista ilustre, contribuiu grandemente para dar realce ao valor da natação no citado clube. Realizaram-se na doca vários campeonatos nacionais de natação e «water-polo». E Faustino José Santana, valoroso campeão setubalense, deu brilho a uma travessia do Lima — que banha a cidade e é excelente pista para provas de remo.

Anos depois, mercê do trabalho esforçado de vários dirigentes, intensificou-se a expansão do futebol. Criaram-se fortes equipas em dois outros clubes vianenses. Em Valença do Minho, Ponte de Lima e Monção formaram-se também grupos de valor.

Veio, porém, a nova regulamentação do futebol. Permitida oficialmente a retribuição de jogadores, surgiram as primeiras dificuldades. Uns clubes podiam pagar a certos jogadores, mas outros não dispunham de recursos para tal luxo. Saíram alguns grupos do campeonato, o torneio perdeu interesse e as receitas passaram a ser mais escassas. Uma coisa colidiu com a outra — as receitas, com a retribuição.

De momento a situação é esta: apenas o Vianense pode pagar a jogadores. É por isso o único clube filiado. Não tem adversários para o campeonato — e a velha Associação de Viana do Castelo, das mais antigas do continente, não conta o número mínimo de clubes necessário para existir legalmente.

O Vianense pensou ainda obter permissão para disputar o campeonato de Braga, não a conseguindo, porém, em virtude de dificuldades facilmente compreensíveis. Está, pois, condenado a uma inactividade que compromete a preparação dos seus «teams».

A Associação de Viana está condenada a desaparecer. E Viana do Castelo corre, deste modo, o risco de ser integrada no distrito de Braga — futebolisticamente falando...

Esta é a crise. Não seria possível atalhá-la? Afica a pergunta — para os desportistas de Viana.

MÁRIO DE OLIVEIRA

VAI desaparecendo, a pouco e pouco, um número regular de antigos dirigentes desportivos dos primeiros tempos do desporto. Noticámos no penúltimo número da «Stadium», a morte de Álvaro de Lacerda — um dos pioneiros da natação e da imprensa da especialidade. Coube na semana passada a vez de fazermos a mesma dolorosa referência a Armando Brito, a quem o ciclismo ficou devendo serviços de apreciável valor.

Armando Brito, figura de relevo na União Velocipédica Portuguesa, era, também, secretário do Comité Olímpico Português, do qual fazia parte há anos. Morreu longe ainda de ser velho. Foi dirigente, cultivou por vezes o jornalismo — mas foi especialmente um orador. Dispunha, na realidade, de magníficos recursos — para falar em público. E foi paladino esforçado do amadorismo desportivo.

O falecimento de Armando Brito, e a evocação dos seus serviços à União Velocipédica Portuguesa, fazem-nos recordar um bom artigo de Gil Moreira, nosso presado colaborador, a propósito da remodelação dos estatutos da União, projectada para breve.

A velha U. V. P., a mais antiga federação portuguesa de desporto, tem características que lhe dão um lugar à parte, entre as suas congéneres. É, sem dúvida, uma federação de clubes — mas sem perder a estrutura de união dos ciclistas. Não a perdeu, até agora. E essa feição especial tem-lhe sido muito útil — mais de uma vez.

UM dos números comemorativos das «Bodas de ouro» do Grupo Pátria consistiu na romagem de antigos atiradores da colectividade de Abrantes, em visita ao monumento erguido, naquela cidade, à memória do dr. António da Silva Martins.

Embora tenha morrido há um bom par de anos, o nome do antigo atleta e atirador civil, campeão e «coordenador» de Portugal em mais de uma modalidade desportiva, é sempre lembrado com saudades. O prestígio interno e externo do tiro nacional com arma de guerra anda ligado ao nome do desditoso desportista, falecido de desastre, em plena força da vida, quando havia ainda muito a esperar — dos seus recursos de atirador e do seu valor como médico desportivo.

Foi uma homenagem tão justa como oportuna.

A cerimónia da posse da nova direcção do Sport Lisboa e Benfica realizou-se há dias e teve o entusiasmo do costume. A direcção foi quase reeleita por completo, com a novidade da passagem do capitão Ribeiro da Costa, antigo jogador e dirigente do popular clube, para o lugar de secretário-geral. O Sport Lisboa e Benfica atravessa um período de notável desenvolvimento, a que a nova direcção vai por certo corresponder. É um dos melhores clubes em todo o País.

FALLECEU há dias Raimundo Veissier, reporter fotográfico do nosso presado colega «Século Ilustrado». Além de fotógrafo brilhante, que passou também por vários jornais de desporto, era um excelente camarada. A sua morte causou, deste modo, profundo pesar.

ANO XI — Lisboa, 20 de Outubro de 1943 — II SÉRIE-N.º 46

STADIUM
REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e Impressão de NEOGRAVURA, LTD.
Composição e Impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

NO campo do Barreirense, e no dia do seu desafio com um valoroso adversário local, Unidos Futebol Clube, recebeu o Futebol Clube Barreirense, do nosso presado colega «O Século», a taça monumental do «Século» para o vencedor do Campeonato Nacional da II Divisão.

A taça monumental do Campeonato Nacional da I Divisão continuou em poder do Benfica — por não haver interrompido a série das suas vitórias na grande prova. É um bom augúrio. Não há dois sem três...

COM o mês de Outubro já em meio, começa, agora, o período do novo ano escolar de ginnástica. A primazia do ensino e dos respectivos cursos anuais, cabe ainda ao Ginnásio, ao antigo clube da Carreirinha do Socorro, que refloresce em cada ano de trabalho — e ao Lisboa Ginnásio, sempre entusiasta no desempenho da missão a que se vota há longos anos.

Depois de começar o futebol — principia a ginnástica. Faltam apenas o rugby para completar a impressão de mais um inverno em perspetiva.

FINDA, entretanto, a época para os desportos próprios do estio. A natação teve no domingo o seu último festival de ar livre; e ao ciclismo deve ter sucedido o mesmo, com a rampa do «Mirantense». O festival de encerramento na p. s. de Alge, e a corrida de trepadores pela rua do Vale de Santo António, foram o canto do cisne de mais uma época que passou.

TALVEZ seja ainda cedo para fazer o balanço das provas de natação do corrente ano, mas podemos afirmar, desde já, que a temporada natatória se caracterizou pela luta contra os «recorços», nas categorias de principiantes e juniores. Anta do último festival, continuava essa luta. Armando Marques, do Nacional, tentou bater o «recorço» dos 500 metros de bruços, em principiantes.

Pelas condições especiais em que temos de paginar parte da «Stadium», não sabemos se a tentativa terá sido coroada de êxito. Mas desejamos a preparação do nadador do Nacional tenha produzido o resultado em vista. Seria mais um «recorço» batido — e era um final digno da carreira de Armando Marques num ano de bons triunfos.

OS campeonatos regionais de futebol prosseguem com toda a regularidade, em alguns distritos. A luta é apertada em vários pontos do país. Em Lisboa, a batalha ganha especial emoção entre os clubes da primeira Liga, mas com a certeza, para todos, de que passam ao campeonato nacional da I Divisão. A luta, entre eles, é apenas — pelo título. O resto está seguro.

Em Setúbal, no Algarve e em Braga é pior... Não diremos que seja um combate de vida ou de morte... Alge, porém, outros interesses — o da entrada na grande prova, com a perspectiva de melhores receitas e mais movimentação, ou a da saída com um ror de aspirações a desabar estrepitosamente.

A direcção da Federação Portuguesa de Natação preside, há anos, o dr. Joaquim de Oliveira Duarte, antigo nadador e ilustre dirigente desportivo. Oliveira Duarte, que não abandona ainda a nenhum festival de natação no corrente ano, não teve apenas a ambabilidade de honrar com a sua presença a disputa da taça «Stadium», em «water-polo» — mas preferiu ainda uma notável alocação sobre o valor da iniciativa de fazer ressurgir a mesma modalidade. O seu apêlo aos jogadores do desafio Alge (A) — Alhandra, doêra da estatística do jogo e da lealdade em desporto, mereceu os melhores aplausos e teve bom reflexo na correcção que se verificou.

Ao sr. dr. Oliveira Duarte apresentamos os nossos agradecimentos pela deferência com que nos distinguiu. E aproveitamos o ensejo para agradecer também aos nossos colegas de imprensa as citações amáveis que fizeram ao torneio organizado com o patrocínio da «Stadium». Para a Federação de Natação igualmente o nosso reconhecimento.

O ENCANTO DO FUTEBOL

praticado nas Salésias

Comentando a jornada do fim da 1.ª Volta

Por TAVARES DA SILVA

ESTENDIA-SE a vista por todos os lados das Salésias e não se encontrava um espaço em branco. Aquela multidão imensa, e apenas dois corpos diferentes, um belenense e outro benfiquense, gastou-se em sofrimento e vibração durante a hora e meia do regulamento. Os jogadores, pela sua parte, corresponderam ao particular estado emotivo da assistência, lutando e reagindo em condições de beleza, e em condições ideais de tempo para a prática do futebol. Nem calor nem frio. Nem chuva nem lama. Somente um sol baixo estorvando a boa visão.

Tivemos assim a segunda grande enchente da temporada. Outras se lhe vão seguir, por certo. Porque a afeição pelo jogo continua a engrossar, domingando a domingo mais palpitante, para alguma coisa servindo as magníficas jornadas que se têm disputado.

A prática de normas de cortesia, de tão belo significado moral, começa a ser frequente, e com evidente sinceridade. Os *teams* não deixam de fazer a salvação mútua, uma tradição remota, e o apêto de mão dos capitães ao árbitro, no fim da partida, marca um objectivo que é firme propósito de que as coisas desportivas não percam o seu belo e elevatado significado moral, e ainda o sentido de lealdade e camaradagem de adversário para adversário.

Percorrendo as linhas dos seis grupos verifica-se não terem fundamento a maior parte das notícias postas a correr nas vésperas relativamente à apresentação dos jogadores, ou então que as dificuldades dessa apresentação foram, como têm sido, removidas com facilidade. Antes assim. Dêste modo é possível ter um torneio a sério, em que os valores se aproximam uns dos outros, ao ponto de já não se poder dizer com segurança, como antigamente, que o mais fraco perde pela certa. Haja em vista o que se passou no Lumiar.

Mais uma vez, o hino à relva

O jogo em relva adquire aspectos ignorados nos terrenos duros. O cactúch parece tornar-se mais maleável, adquirindo o futebol um tom de suavidade que encanta. O jogador, o que o é de verdade, e não aquele que o julga ser, deve preferir a relva. As condições do campo das Salésias permitem pôr à prova toda a habilidade do praticante, não o dizemos quanto a tática, que isso deriva mais da inteligência do que da execução, mas no aspecto propriamente de domínio de bola, e na arte do passe. Ninguém, em verdade, que seja apaixonado do jogo, pode ficar insensível à destreza dum avançado como José Pedro, tocando na bola, com conta e medida, o necessário para o *dribling* e para o passe, obrigando-a a desenhar curvas caprichosas sempre a caminho do companheiro melhor colocado.

Todavia, se citamos a relva das Salésias, é para collocarmos em relevo outra faceta. Tal qual decorreu o jogo, com energia e virilidade, e disputas constantes da bola em corpo-a-corpo e choques entre corpos, não temos dúvidas em afirmar que, em terreno duro, o número das lesões crescerá, a bom crescer. Que mais não fóra, por este fundamento, os clubes deviam dar-se pressa na transformação dos seus rectângulos. Fazerem de livre vontade aquilo a que regulamentarmente são obrigados, já em prazo fixado.

«Teams» diferentes. Ambos valorosos

A escola do Belenense difere da do Benfica. Isto parece-nos muito interessante. Julgamos mesmo que o futebol de Belém tem vindo a evoluir para chegar à sua fase actual. É evidente que esta fase é a resultante de estudo e ponderação, valores e experiência, isto é de uma

laboração lenta, mas lúcida. O clube, para ganhar hoje, perdeu ontem. E não foi fácil, certamente, resistir à adversidade, dada a tendência das massas associativas para o desalento e abandono na má hora.

Hoje, o Belenense colhe o fruto do seu esforço, apresentando um grupo que sabe jogar, e jogadores que sabem o que estão a fazer em campo. Exceptuando a linha média que é — como diremos? — mais enérgica que científica, o onze consegue dar uma imagem colectiva de habilidade. Não actua em força. Mas com arte e ciência. Com perfeição e beleza.

Perdendo-se — talvez! — em passagens, o que lhe tira certo quinhão de eficiência, lucrando porventura com espectáculo. De resto, estas facetas ressaltaram no domingo com nitidez, em virtude do Benfica estar filiado numa escola mais prática, cultivando as qualidades de indomável energia, vontade forte, e ânimo inquebrantável, mesmo quando se desculpava o desânimo. O Benfica continua a acreditar no rasgo pessoal, e na fé dos seus homens. Faz bem. Porque eles nunca fazem má figura, mesmo em frente de um grupo como o Belenense, com a sua tendência de jogo colectivo de habilidade e ciência.

Como as coisas se passarão na primeira parte

A estratégia não é uma palavra vã em questões de futebol. Pelo contrário, um grupo que ataca e outro que defende, produz em geral um problema — que a estratégia resolverá. O que ataca trata de pôr todas as suas unidades na melhor posição possível, e mais certa, a fim de dominar, com êxito, a situação. O que defende toma pelo seu lado as medidas requeridas pelas circunstâncias, decidido a inutilizar o esforço do inimigo.

O Benfica havia estudado — quero-nos parecer — a estratégia a seguir. Vendo bem as coisas, consistia ela em atacar com veemência, e forçando a nota, nos primeiros momentos, isto é, no primeiro quarto de hora. Quem nos disse isto não foi o treinador, nem qualquer dirigente. Não queremos levantar trabalhos a quem quer que seja. Foram as *passagens em perpendicular* dos médios e dos interiores à frente, em jogo útil, tipo perfeito de eficiência.

Simplemente, senhor de um *goal*, o Benfica julgou-se dono do mundo todo. Em vez de insistir deixou a tarefa de insistência para o adversário, já de si predisposto ao ataque. Cobrindo as suas peças da defesa com os médios, em obediência ao seu sistema de marcação no plano defensivo. E o Belenense, um pouco em consequência, pôde dar à sua intervenção na partida a característica acentuada da ofensiva, no desencadeamento de todas as forças de ataque, e reforçadas pela linha medular, em passes sobre passes. posto que com remates um tanto ou quanto confusos, o que aliás se nos afigura natural em maré de confusão de gentes em frente das redes.

Os resultados viram-se. Ninguém de boa mente podia ter-se admirado da aparição dos dois *goals* belenenses do primeiro tempo. Justifica-se a admiração por os *goals* — cuja presença pairava no campo — terem surgido tão tardiamente, quando já se supunha que eles tinham esquecido o caminho das redes.

A 2.ª parte, como jogo, teve a duração de um quarto de hora!

O Benfica voltou à mesma estratégia no começo da 2.ª parte. Atacar vigorosamente, dando tudo por tudo, que as forças e energias fizeram-se para estes momentos decisivos. Nesse período colocou o Belenense em transe. Estávamos mesmo a ver o empate. Nem quando Julinho perdeu excelente oportunidade, arrancando desesperadamente os cabelos, a igualdade deixou de ver-se ou de se sentir. Um

pouco mais tarde, a quando do *goal* fora de jogo. E a igualdade de pontos poderia perfeitamente descobrir o caminho dos louros para o Benfica. Mas o homem põe e Deus dispõe. Reacção belenense, um ataque, o terceiro *goal*, e tudo havia acabado, a pesar de se continuar a jogar por imperativo das Regras.

É certo que, na restante meia hora, os jogadores continuaram a correr, a saltar e a chutar com o mesmo esforço, ou porventura com maior esforço. Ainda que o Benfica não se considerou vencido.

Afundada, porém, a estratégia benfiquense, tudo estava resolvido. O vencedor era o vencedor. O vencido, o vencido. Percebeu-se, dessa altura em diante, que o Benfica já não era capaz de dominar os acontecimentos. O seu jogo reflectia esta ideia: — Feito em vigor, mas aos repêlões, para a frente, de qualquer forma e feito, em busca de *goals* que assim não se conseguem. O mais curioso é que o Belenense podia manter a sua boa toada. Podia e devia. Até por se tornar mais fácil jogar bem a ganhar, do que a perder. Mas, inexplicavelmente, também se desorganizou, desaparecendo a pureza do seu jogo e ficando uma coisa incharacterística e insípida, igualmente aos repêlões, e sem rei nem roque. Os *goals* do fim, um para cada lado, nem produziram efeito. Aparecem em nossa memória como qualquer coisa a mais, qualquer coisa sem o direito de existência.

Um louvor a Quaresma. Citação a Valadas

Ninguém desconhece o precioso papel do avançado centro no futebol moderno. A sua grande dificuldade, por se tratar de um posto sobre o qual o adversário exerce a maior das vigilâncias. Por isso se justifica a difícil adaptação ao lugar de homens habituados a outros lugares, mesmo que sejam ao lado. Não é no-a intenção, por agora, fixar a missão do centro do ataque delimitando-a. Apenas prestar o devido louvor a Quaresma que tem preenchido uma falta não só com a melhor das boas-vontades mas com surpreendente visão e muita inteligência. Nem se nota desnível entre ele e os dois habilidosos interiores. No domingo, nas Salésias, a sua distribuição e precisão de passagens, e a constante ameaça da sua intervenção, não nos passaram despercebidas, sendo grato prazer destacá-las.

Há jogadores que, ao retirarem-se, deviam deixar no jogo algumas das suas facilidades. É pena, por exemplo, que os pés de Valadas, o esquerdo, sobretudo, não se possa desatarrachar, collocando-o em seguida em jogadores que começam a sua carreira. O seu remate é tão preciso, forte e limpo, que a bola chega às redes sempre em ritmo de subida, com grande velocidade, parecendo que vai sem pressas, tão bom e lesto é o seu rolar. Dêste modo consegue o conhecido extremo esquerdo dar ainda uma contribuição no seu clube que não nos parece nada para desdenhar ou deitar fora. Eis a justificação de uma citação que consideramos absolutamente merecida.

A crítica influi no trabalho das equipas

Já temos ouvido: a crítica influi no trabalho das equipas, e daí a sua obrigação moral de acarinhar um *team* quando ele ameaça afundar-se. Esquece-se, afirmando isto, que o trabalho das equipas também influi na crítica. De resto, a maior parte dos comentários não passa de contribuição para o bem dos grupos, embora, por vezes, se pense o contrário.

Não há dúvida que o Atlético e o Unidos se encontraram na Tapadinha em diferente estado de espírito: o primeiro, confiante nas suas possibilidades e de moral forte, moral cimentada pela crítica; o segundo, abalado, e um pouco desorientado pelos seus últimos *scores* e consequentes comentários à sua tarefa.

É possível que o Atlético tivesse confiado mais do que seria para desejar no seu poder, e que o Unidos se apresentasse em missão de recuperação de confiança, resolvido a não deixar ir por água abaixo o valioso quarto lugar. Do que não há dúvida é que as forças se igualaram, pendendo o triunfo para o

(Conclui na pág. 14)

Corrija o seu ESTILO

A fotografia é fiel reflexo das atitudes atléticas e serve para anotar defeitos e virtudes



1— Renato Espírito Santo, especialista do triplo-salto. — O saltador está na fase de apoio entre dois saltos, que supomos serem o segundo e o terceiro.

1— A posição bastante flectida do joelho indica o amortecimento do choque e a preparação para a extensão de impulso ao corpo. Note-se a posição correcta do pé, cujo eixo assenta no sentido do salto, e a conveniente flexão do joelho que, no entanto, e adiante veremos porquê, devia ser feita de maneira que o joelho estivesse mais avançado, nitidamente à frente da zona de apoio do pé

2— O corpo flectiu também para a distensão de impulso, mas flectiu mal, recuando demasiado a bacia, o que provoca a deslocação do centro de gravidade para traz e, por consequência, um desiquilíbrio no péso que dificulta, o esforço muscular de projecção para o salto. A vertical do centro de gravidade devia cair dentro — se não um pouco à frente — da zona de apoio, e por isso escrevemos mais acima que a flexão do joelho devia ser avançada e nunca projectando a bacia para a rectaguarda.

3— A posição dos braços está trocada, isto é, avançado o que devia estar recuado e vice-versa. É princípio fundamental e imutável que a oscilação dos braços é inversa da das pernas; portanto, estando a perna direita à frente da esquerda, devia o braço esquerdo encontrar-se adiante do corpo — e o outro recuado. Em consequência desta posição errada...

4— ... o tronco está em completo desiquilíbrio, todo torcido para a esquerda, criando dificuldades ao prosseguimento eficaz do esforço de projecção para o último pulo.

5— Ainda em consequência, talvez, das perturbações estáticas determinadas pelos defeitos de atitude que já apontámos, a perna livre está desviada do plano normal, com o joelho afastado para fora e a anca recuada em relação à outra. O eixo transversal pélvico deveria estar perfeitamente perpendicular ao sentido da marcha.

2— Fernando Ferreira, no lançamento do dardo.

1— Como sucede na generalidade dos documentos relativos a



lançadores portugueses, é na posição dos membros inferiores que encontramos os defeitos principais. A perna esquerda serve ao mesmo tempo de travão à corrida e de apoio para o esforço muscular do tronco na projecção do dardo; como tal, deve estar completamente estendida no joelho.

2— A perna direita é o principal travão à corrida e por isso o pé arrasta pelo solo, de ponta, como aqui se verifica, mas é conveniente deixá-la ficar para traz — o que aqui não acontece — e também em extensão arqueada. A flexão acentuada do joelho é contrária ao ortodoxismo do estilo.

3— Tanto o peito como a bacia deviam estar de frente para o campo de lançamento, desde que o braço já foi puxado para cima do ombro. A posição dos braços e da cabeça não oferece grandes reparos.

3— Avelino Santos Touça, discípulo do campeão Herculano Mendes. — O lançador iniciou a primeira volta no círculo.

1— Boa posição dos braços: extensão passiva completa, mãos elevadas à altura do ombro, braços e fio do martelo na mesma linha.

2— O corpo roda precedendo a esfera do instrumento (método americano, pois a outra escola instituída pelos lançadores alemães mantém sempre o martelo na frente do corpo, até ao apoio final para a projecção) e inclinou-se fortemente para o lado da rotação, a fim de garantir o equilíbrio.

3— A posição dos pés é algo paradoxal e parece indicar certa descoordenação entre o trabalho das pernas e o movimento giratório; o lançador deve rodar sobre o pé esquerdo (ao contrário do que aqui se verifica) e o apoio do pé direito é apenas aproveitado para avanço do esquerdo, em preparação imediata. O estudo desta fotografia deixa prever um desvio no eixo de translação, porque forçosamente o pé esquerdo vai assentar fora da sua linha e muito tarde em relação ao momento da circundação do martelo. Deve mesmo ser este, de facto, o erro técnico que torna estranha a análise da atitude, que à primeira vista se afigura correcta: a perna direita está executando um trabalho que pertence à perna esquerda, porque esta não tomou apoio em devido tempo.



o
Campeonato
de Futebol de
SETUBAL
e a 2.^a divisão da
A.F.L.



1



2



3

O campeonato de Setúbal prossegue animado. O jogo Vitória-Luso despertou bastante interesse. As gravuras (1, 2 e 3) focam três fases deste encontro. Na 2.^a Divisão da A. F. L., o Casa Pia sofreu pesada derrota do Estoril-Praia. As fotografias (4 e 5) mostram duas das inúmeras intervenções do "keeper" casapiano



5



4

ATLETISMO

O entusiasmo dos bracarenses e comentários vários sobre a situação da modalidade

LANCERRAMOS hoje os nossos comentários sobre o valor e as possibilidades das equipas nortenhas de atletismo, falando do Académico de Braga e do Operário do Pôrto. Fica aqui, portanto, cumprida a missão a que nos propusemos — e que foi sempre orientada no propósito de contribuir, em alguma coisa, para o progresso do atletismo da nossa terra.

Restia, agora, que os interesses da modalidade sejam colocados acima dos interesses pessoais e que os indivíduos a ela ligados trabalhem quanto antes para mais desanuviado ambiente — estímulo indispensável aos jovens que apareceram esta época, pela primeira vez, na pista do Lima.

É preciso, sobretudo — e para já — «arrumar» administrativa e tecnicamente os serviços da A. P. A. São horas de se eleger uma direcção, primeiro passo de que o nosso atletismo carece. Depois disso, interessar os clubes, não só nos habituais campeonatos como também na organização de provas particulares, pois só com assídua e regrada actividade se poderá progredir no capítulo técnico e cativar maior número de novos praticantes. São muitos os jovens que desertam das fileiras atléticas porque se sentem incapazes de seguirem longa e persistente preparação, durante vários meses, para tomarem parte numa prova por ano... Na verdade, só um verdadeiro «fanático» pelo atletismo será capaz de tal sacrifício, quando outras manifestações do desporto lhe ofereçam mais largos horizontes!...

A popularidade de que o futebol — por exemplo — disfruta hoje, só foi possível com a organização persistente de jogos. Estes atraíram público e praticantes — precisamente o que amanha acontecerá no atletismo, quando os seus dirigentes usarem novos processos de trabalho.

Que os futuros dirigentes do atletismo nortenho saibam aproveitar com oportunidade o entusiasmo que este ano a gente moça revelou pela modalidade — são os nossos votos mais ardentes.

Entre os novos que esta época revelaram alto entusiasmo pelo atletismo, estão, sem sombra de dúvida, os bracarenses.

A cidade de Braga possui condições excelentes para figurar entre os nossos mais importantes centros de actividade atlética. São sobretudo os estudantes que mantêm esse «fôjo sagrado», que deu já um José Jaime, um Araújo Vieira, um Miguel Cunha, um Machado, etc. — nomes que ficarão ligados à história do atletismo nacional.

No liceu e nas diversas escolas trabalha-se com entusiasmo, sem necessidade de largas propagandas... O desportista bracarense sente-se atraído, por temperamento, pelos «sapatos de pregos». Mas tem lutado com duas dificuldades: a falta de apoio moral da A. P. A. e a carência de técnicos à altura. Assim, os seus praticantes vêem-se na necessidade de improvisar... quando os seus conhecimentos não chegam para mais. Com um bom técnico e com uma A. P. A. resoluta, a cidade de Braga seria o «caso sério» do atletismo português! A demonstrá-lo estão patentes os resultados obtidos e o entusiasmo manifestado de novo nesta época, a pesar das inúmeras dificuldades que foi necessário vencer.

Os bracarenses estiverem presentes nos campeonatos e não deixaram de apresentar um «lote» de jovens dignos de estudo e carinho.

Substituto do Carmo Pereira, em velocidade prolongada, poderá «reinar» como Miguel Cunha. Não lhe faltam qualidades para isso e desde que saiba dosear os esforços e procure progredir tecnicamente (a sua passada é deféttuosíssima) alcançará «tempos» excelentes.

Martins de Abreu não leva «a sério» a sua preparação e no lançamento do dardo ainda

não conseguiu a «marca» que está ao seu alcance. Se ganhar «briso», pode ir longe.

Nuno Faria, Maurício Coutinho e Firmiro Costa, são três «sprinters» prometedores. Mas Gonçalves, António Pereira, Guedes Carvalho, Rogério Santos e Nuno Moraes são também nomes que se evidenciam no prometedor conjunto dos jovens bracarenses, que o entusiasta Araújo Vieira soube amparar com a sua melhor boa-vontade.

É parece-nos que na próxima época o Académico de Braga vai dar que falar!...

O Operário, do Pôrto, lutando com a falta de campo ou pista para treinos, dentro da sua simpática modestia não deixou, a pesar-disso, de comparecer às provas. Merece aplausos, tanto mais que há por lá gente nova com habilidade, capaz de fazer figura na próxima época. É uma questão de tempo e de paciente trabalho. Continuem em acção, que o prémio a tal virtude aparecerá!

EDUARDO SOARES

NOTAS... SEM VALOR

O regional de 1943/44 mantém-se com uma característica curiosa: três equipas da 1.ª divisão muito juntas: Salgueiros, 10 pontos; Leixões, 9 e Boavista, 8. O segundo lugar da classificação está em perigo... A jornada de domingo passado — a 5.ª — no campo Augusto Lessa, entre o Salgueiros e o Leixões, deve ter proporcionado um «clareamento de posições». A vitória do Salgueiros, muito possível, dar-lhe-ia uma vantagem de 3 pontos para poder encerrar a segunda volta com mais confiança...

— A equipa do Académico, sem médios laterais e com ataque frouxo, à excepção de Júlio, suportou um grande «apêto» do Salgueiros. O trio defensivo do clube alvi-negro agüentou a pressão da linha da frente «encarnada». A «resposta» de Santiago, a defender tudo com classe — demonstrou bem a sua personalidade de jogador e contribuiu consideravelmente para a evolução do marcador.

— Insistiu-se com Oliveira, do Vitória de Guimarães, para treinar no Salgueiros a interior-direito. Compareceu no campo, no treino de terça-feira, para exame mais completo...

— O Vilanovense, o mais cotado dos clubes da 2.ª divisão, sofreu alguns «calafrios» no campo do Avintes. Aqueles 3-1 desfavoráveis na 1.ª parte, iam ditando resultado desastroso. Mas a formidável recuperação da 2.ª parte foi o indicativo mais precioso do valor do conjunto rubro-negro. Demais que o Vilanovense jogou sem alguns dos titulares, o que se tornou reparado, embora sem razão. Os tempos vão de anormalidades...

— Muito frio o ambiente na rua José Falcão!... Na reunião de sexta-feira, juntamente com o presidente da assembleia geral, deve ficar bem esclarecida a posição... Surge agora uma hipótese: continuação unida o «bloco»?

— Grande número de clubes inscritos no campeonato promocionário. A prova da Associação do Pôrto corresponde ao interesse geral do desporto. Tem havido boa vontade nos dirigentes do chute...

DR. ALVARENGA

Bicicletas «FLECHA»

A GRANDE MARCA
DOS CAMPEÕES

A SESSÃO DE «BOX» NO «PARQUE DAS CAMÉLIAS»

Licínio, em forma fraca, venceu Sampedro

O «Parque das Camélias» registou razoável enchente com a sessão de «boxing» ali efectuada há dias. Os lugares do público foram dispostos com conhecimento, e assim todos puderam ver, sem dificuldade, o decorrer dos cinco combates que o programa comportava. O «ring» foi armado no meio da pista de cimento e a assistência disposta em seu redor, dentro da vedação que demarca os limites do «ring». Do lado de fora ficou o péão, com largo espaço para cada espectador se colocar onde melhor lhe apossesse.

A sessão, tecnicamente, nada teve de deslumbrante. Foi até algo fraca, e só os encontros entre Manuel Cândido e Pedro Quintino e Alberto Pacheco e Rogério de Almeida, dos quais saíram vencedores os primeiros de cada «duo», foram até finais.

Felipe de Almeida foi fraco, mesmo frágil perante Guilherme Martins. O «boxeur» lisboeta bateu forte e com colocação, forçando o seu antagonista a uma derrota por inferioridade física.

Albano Santos foi infeliz. Depois de estar a conduzir o combate com certo acerto, um sóco irregular, à nuca, ditou a sua desclassificação. O público manifestou-se ruidosamente contra o jogador português, insurgindo-se mesmo, com protestos e assobios. Um e outro estiveram à beira de K.O. mas Albano, com maior experiência, demonstrou superioridade. Mário Pereira teve o factor sorte pelo seu lado, porque, embora a falta tivesse sido flagrante, o sóco talvez não fosse intencional.

Finalmente, no encontro entre Licínio e Sampedro, verificou-se que o português está lutando com pouca confiança, embora o seu jogo de pernas continue bom. Com um adversário de certo modo frágil, a pesar de combativo — pois forçou o combate em quasi todos os assaltos — Licínio não bateu como costumava. O espanhol foi adversário leal, exibindo boas esquivas, disputando bem. Os assaltos foram quasi todos feitos a distância, e o corpo-a-corpo era mais procurado pelo espanhol, que aproveitava para castigar Licínio nos flancos. Este teve, porém, alguns sócos de boa marca, dos quais alguns falharam o alvo.

Pouco «boxing», mas boa exibição de ginástica de pernas e regulares esquivas dos dois contendores. Licínio terá de se preparar a valer. Embora dispo de fôlego, deu-nos a impressão de não confiar na sua resistência. Houve qualquer coisa no jogo de Licínio que não agradou, talvez porque já tivesse deliciado anteriormente a multidão portuguesa com exhibições mais perfeitas e definidas, como, por exemplo, no seu jogo com o moçambicano Xangai.

A recuperação conseguida no 7.º e 8.º assaltos, especialmente neste último, diz-nos que Licínio pode voltar a atingir a sua forma. Foi debaixo de uma «saraivada» que Sampedro ouviu soar o «gong» para o final do encontro.

M. A.

APONTAMENTOS

«Tonito» Falcão — «O Pinga II»

A QUELE «reservista» do F. C. P. — o mais «miúdo» de todos os «miúdos» — é, de facto, endiabrado. Só o vimos jogar uma vez descertadamente. Depois, cada uma das suas exhibições traduziu progressos, um passo largo em frente.

«Tonito» Falcão é um rapaz franzino, que enverga a camisola «azul-branca» do F. C. Pôrto, jogador da «reserva» — porque Lippo entende que éle, com o corpo ainda a robustear-se, não «deve» jogar na categoria de honra, por enquanto. Seja como for, a sua habilidade é enorme.

O «miúdo» é já um compêndio de bom futebol. Nos seus passes, primorosos e acertados, na sua forma de jogar, nos pormenores do to-

(Conclue na pág. 11)

Direcção de Vasco C. Santos e J. Casimiro Vinagre

Tôda a correspondência deve ser endereçada à nossa Redacção, com a referência «Xadrez»

A SEDENTARIEDADE seus inconvenientes e meios de a combater

PELAS suas inigualáveis propriedades, que constituem só por si uma escola da mais salutar cultura física, o desporto suplanta actualmente tôdas as outras modalidades recreativas de que o homem dispõe para quebrar a monotonia da labuta quotidiana. É, portanto, justificável o interesse que o desporto suscita nos meios responsáveis de um país, que procuram sempre garantir-lhe, de modo eficiente, o apoio indispensável ao seu progresso.

Poucos são aqueles, porém, que reconhecem, em tôda a sua grandeza, as vantagens inerentes à prática de exercícios mentais, a que também podemos dar a denominação de «desporto intelectual» — neologismo, segundo supomos, de propriedade absolutamente correcta. Ora esta incompreensão é, sem dúvida, lamentável.

É, no entanto, a contribuição das duas actividades — física e intelectual — para a distinção de uma raça, deve ser proporcionalmente equiparável: uma serve a matéria, a outra o espírito.

Sob diversos pontos de vista, são tão essenciais a robustez como a inteligência. Separadas, estaríamos no caso de um atleta idiota ou de um intelectual raquítico — e, como é obvio, esta desharmonia concorreria apenas para o desprestígio do homem.

A inteligência é a maior riqueza do ser humano. É uma verdade incontestável, e os próprios desportistas, aqueles que dominam os estádios e as multidões, reconhecem-na francamente; é inegável que, a par das aptidões físicas, necessitam de recorrer amide às suas faculdades intelectuais, para explorarem ao máximo as possibilidades atléticas.

Com estas reflexões não nos ocorre, evidentemente, a mais pequena intenção de ofuscar as flagrantes virtudes do desporto físico, que são preciosísimas. Guia-nos apenas o propósito de combater o cepticismo com que são geralmente encarados os chamados jogos intelectuais, nomeadamente o xadrez, as damas e alguns mais. Procuramos, em resumo, dar ao seu campo de acção o devido realce.

Competiria aos cientistas contestar, na hipótese de eventual polémica, os benefícios que porventura possam advir da gymnástica mental a que se entregam os praticantes desses jogos, universalmente reputados como científicos.

Creemos, contudo, que se o desporto intelectual não desenvolve as faculdades mentais de um indivíduo, o que nos repugna acreditar, conserva-as pelo menos intactas, não podendo jamais prejudicá-las desde que não se exceda a sua experimentação.

O desporto intelectual, principalmente o xadrez — o «jogo real» por excelência — é, sobretudo, uma escola de raciocínio, de sangue frio e de arte estratégica, conjunto de qualidades suficiente para merecer a mais extensiva adopção por tôdas as classes sociais de um país.

Seria excepcionalmente interessante, sem dúvida, apreciar o efeito que provocaria a expansão do desporto intelectual entre o operariado — a classe tão característica do povo mas que, infelizmente, apenas conhece para seu entretenimento, na maioria, os duvidosos jogos de azar que tanto contribuem para a corrupção dos melhores e mais sãos princípios.

Seria, de facto, empreendimento arrojado levarmos as propriedades insubstituíveis da arte escaquística à massa operária.

Por muito paradoxal que a idéa pareça, ela é, contudo, relativamente possível, visto estar há muito provado que os jogos como as damas e o xadrez são perfeitamente acessíveis a cérebros menos cultos ou privilegiados.

É porque estamos convencidos de que bastante de util pode fazer-se neste campo, brevemente lançaremos nas colunas de «Stadium» um movimento com aquele fim — ou seja no sentido de proporcionar às classes operárias o gosto pela pratica do xadrez, em condições de lhes facilitar não só a sua aprendizagem como

L Portugal sofre-se bastante dos males da sedentariedade e pouco ou nada se faz para os combater.

As clínicas são muito frequentadas por adultos que já ultrapassaram os 35 anos e que se queixam de desarranjos digestivos ou circulatórios, de vagas indisposições, motivadas na maioria dos casos pela falta de movimentação do organismo. São, quasi sempre, indivíduos fatigados, nervosos, desoxigenados, cuja astenia se priva cada vez mais das actividades físicas, tão necessárias à conservação da saúde. Caem, com frequência, em estados de grande obesidade ou de acentuada magreza. Psicologicamente, distinguem-se por excessiva timidez — falta de coragem, de sangue-frio, de domínio próprio — e da decisão que o espirito desportivo cria.

Grande parte destas perturbações, com maior ou menor intensidade, constituem o cal-

o prosseguimento ininterrupto de tão util quanto valioso passatempo.

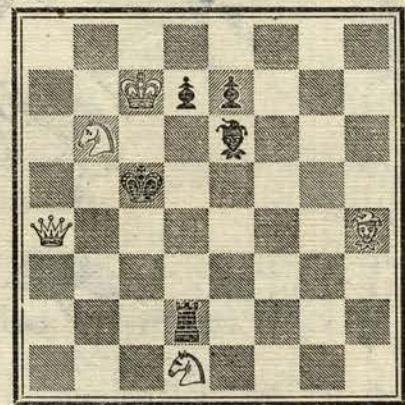
Voltaremos em breve ao assunto, com menor.

VASCO C. SANTOS

PROBLEMA N.º 7

Dedicado a Rui Nascimento

Inédito Vasco C. Santos



Mate em 2 lances

Solução do Problema n.º 5 1.T-g5

Esta esplêndida composição do grande problemista italiano é realmente digna de um primeiro prémio!

A chave de «evacuação» — ameaça 2.Be5. São magníficas as variantes de auto-obstrução (Cf3 e Cf5); as que permitem os mates da «bateria» (CCc4) e ainda os mates resultantes da pregação dos cavalos quando tomam e4.

Solucionistas: — Hans Schneider, Algés; Alexandre Saraiva, Lisboa; «Latino», Alcobaca; J. Walter, Dafundo; dr. Gabriel Ribeiro, Lisboa; Daniel de Sousa, Pórtio; A. David, Lisboa; António Luís de Magalhães, Meleças; Orlando Casimiro dos Santos, Lisboa; Alberto Mesquita, Lisboa; L. Ventura, Lisboa.

O Xadrez na Costa do Sol

O «jogo-ciência» está obtendo no Monte Estoril um triunfo extraordinário.

É bem digna de aplauso a resolução tomada pela direcção do grupo local, organizando, amide, sessões de partidas simultâneas — decerto o mais acessível modo de difundir a modalidade. Reconhecendo-o, Francisco José Lupi e Vasco C. Santos, do G. X. Lisboa, não hesitaram em prestar o seu concurso a tão louvável

vário de enorme legião de trabalhadores sedentários, de intelectuais, que jamais fizeram uma educação física apropriada às suas ocupações.

Ora a experiência mostra que este mal-estar orgânico é pouco frequente nos indivíduos familiarizados com os exercícios físicos e que desaparece ou se atenua, em breve tempo, naqueles que a tais exercícios recorrem sensatamente.

Não obstante, salvo a juventude desportiva que se entrega, com o entusiasmo próprio dos seus anos moços, aos salutaros exercícios do corpo, são poucos os adultos que praticam a gymnástica ou os desportos. Inumeros profissionais sedentários arrastam uma vida inteira de debilidade orgânica, sem se decidirem pela educação física redentora, que lhes proporcionaria, sem dúvida, a boa disposição e energia interior necessárias ao labor quotidiano. Alguns outros, a-pesar-de estarem esclarecidos das vantagens dos exercícios físicos, gastam o melhor da sua existência alimentando projectos de actividades físicas que nunca chegam a efectiviar. Existem ainda os que, intitulando-se orgulhosamente «desportistas», satisfazem o seu ideal desportivo por simples assistência aos desafios de futebol...

Entendamo-nos!

A luta contra a sedentariedade é, como se sabe, necessidade imperiosa para a conservação da saúde. Movimentar o corpo, praticar exercícios físicos, constitue um dever que todos têm para consigo próprios e para com a sociedade. É ainda manifestação de patriotismo, visto que a prosperidade das nações depende, em grande parte, da robustez dos seus habitantes. Trata-se, em última análise, de uma obrigação moral que cumpre satisfazer.

O problema consiste, na sua expressão mais simples, em criar «hábitos de vida física activa». Para tal, basta apenas um pouco de vontade, de persistência e de sugestão colectiva. Uma vez escolhidas as modalidades do exercício físico mais de harmonia com as tendências ou inclinações individuais, há que praticá-las em quebra de continuidade, até que fique inveterado o hábito de moverment o corpo.

São multiplas as actividades físicas a que se pode entregar um adulto que já não é jovem: gymnástica, natação, ténis, nemo, ciclismo, equitação, esgrima, certos jogos de bola, «golf», patinagem, dança, etc.

Os povos que aliam à cultura o sentido prático da vida, como os anglo-saxões, dispõem de tudo isto com profusão. O «golf» é, entre eles, desporto popular, as piscinas são inumeras e as salas de armas ou de gymnástica, espaciaosas e atraentes, recebem todos os dias milhares de homens de negócios e de funcionários de ambos os sexos.

Esta educação física, é certo, apresenta, por vezes, para os latinos, aspectos extravagantes: não é raro, verem-se graves *business-men* tomarem parte em classes de dança, envergando trajes desportivos, depois de terem terminado as suas ocupações diárias no mundo dos negócios. Estas danças, fundamentalmente educativas e apropriadas à idade dos executantes, podem parecer-nos bizarras, mas temos de concordar que os efeitos obtidos são excelentes.

O essencial na educação física do adulto, que ultrapassou a juventude, é exercitar o corpo por meio de actividades atraentes, que não fiquem nem enfadem.

Que o movimento tome a forma de «golf», de ciclismo ou de dança, pouco importa. Todavia, bem avisados andarão aqueles que se submeterem simultaneamente aos benéficos exercícios da gymnástica correctiva e funcional sob a orientação de professor de educação física competente. Estes exercícios, adaptados ao temperamento, idade, sexo, modo de vida e outras características individuais, produzirão efeitos mais úteis e surpreendentes que o desporto, só por si, não poderá proporcionar.

ALBERTO VIANA

(Conclue na pág. 11)

Perante enorme assistencia
o BELENENSES
 vencem o **BENFICA**
 consolidando a sua posição de leader



A jogada que deu o primeiro gol do Benfica. Salvador Linhares mais não seguiu a bola. Teófilo, quando se vê na fotografia, seguiu de cabeça e fez o gol. O jogador Gaspar Pinto.



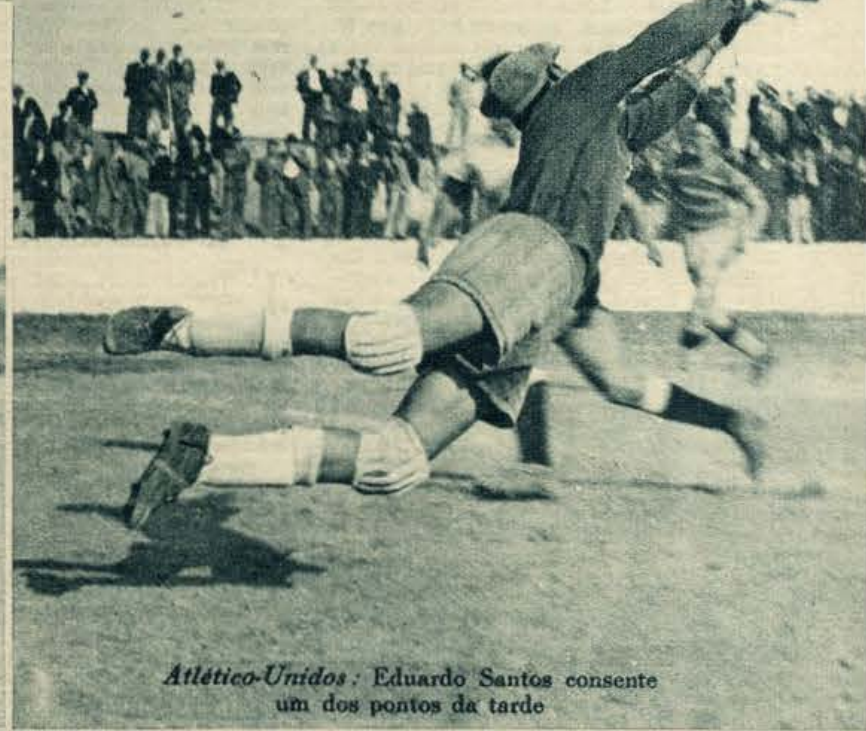
Um susto para Salvador Linhares. Gaspar Pinto marcou um formidável "bico" e a bola veio cair na trave tornando inútil o grande esforço de Salvador Linhares.



Teófilo agulha na luta com Simões.



Sporting-Fósforos: Uma fase junto das rédes dos "leões"



Atlético-Unidos: Eduardo Santos consente um dos pontos da tarde



O esforço de Jaime e a calma de Feliciano...



Quaresma tenta passar a defesa do Benfica, mas é desarmado por Gaspar Pinto

TOUROS & TOUREIROS

IV

COM o advento do primeiro dos Bourbons de Espanha, Filipe V, a nobreza palaciana abandona o toureio para não incorrer no desagrado dêsse príncipe de estirpe francesa, que por ele manifestou franca repulsa. Fernando VI e Carlos III, monarcas cultos e inteligentes, seguiram em parte as tradições do fundador da dinastia, não frequentando as corridas de touros mas tolerando-as. Durante o reinado de Carlos IV, as corridas estiveram proibidas durante largo período, o que obrigou alguns dos mais reputados «diestros» d'essa época a emigrarem para Portugal, para aqui exercerem a sua profissão.

Chegamos aos meados do século XVIII, época em que Francisco Romero criou a sorte de receber, praticada a principio sem prévios passes de muleta, fixando o matador simplesmente a atenção do touro no chapéu «casto-reño», que agitava na mão esquerda. Esta sorte tinha em vista o tornar mais leve o espectáculo, dando morte rápida nos touros de sentido e escassa bravura, que se recusavam a investir com os cavalos depois de magoados pelos primeiros golpes de lança. A morte d'esses touros era então praticada, ao acaso e à falsa fé, pelos peões, o que constituia muitas vezes uma sangueira de açougue, repugnante e muito demorada.

Pouco tempo depois de criada a sorte de receber, praticada a principio com uma arma curta, surgem a muleta e o estoque como atributos dos matadores. A prioridade no uso da muleta tem sido atribuída a vários toureiros dos fins do século XVIII, sem que também sobre este ponto se tenham pôsto de acôrdo os investigadores. Além do citado Francisco Romero, avô do célebre Pedro Romero, «catedrático» da Real Escola de Tauromaquia de Sevilha, apontam-se como prováveis inventores da muleta os irmãos Pedro, Felix e Juan Palomo, de Sevilha, e Juan Esteller, «El Valenciano», um dos «diestros» que inauguraram em 1754 a antiga praça da Puerta de Alcalá, de Madrid, antecessora do circo da Carretera de Aragón, demolido há poucos anos, depois de inaugurada a nova Praça Monumental, en Las Ventas.

Vamos entrar na Idade Contemporânea do Toureio, cujo inicio acompanha o da Idade Contemporânea da História. A muleta e o estoque surgem a par do liberalismo, e a onda de espirito democratico atinge também a arte dos touros, até então quasi exclusivamente praticada pela nobreza. Formam-se as primeiras «cuadrillas» de toureiros, com vencimentos estipulados e garantidos por contracto. Os grandes innovadores do toureio succedem-se, criando sempre sortes novas e fazendo cair em desuso antigas praticas e pormenores da lide.

Na Escola de Sevilha, a que por mais de uma vez aludimos, começam a manifestar-se as tendências dos dois estilos do toureio moderno, o «Rodeño», com Pedro Romero, e os seus discipulos, e o «Sevilhano», talvez ainda iniciado em pleno século XVIII, por Pepe-Illlo, cujos discipulos immediatos foram, por ordem cronologica, o acessor de Pedro Romero, Jerónimo José Cándido e o grande Francisco Montes (Paquiro), cuja extraordinária fama de lidador, numa época em que as vicissitudes da politica o traziam afastado de Madrid, deu lugar a que Teofilo Gautier se arriscasse através das serranias andaluzas, infestadas de quadrilheiros e queimadas por sol ardentissimo, para ir a Malaga com o unico fim de o admirar.

O toureio «rodeño», considerado como classico, tem exclusivamente em vista a finalidade da lide, que é o dominio e a morte do touro, admitindo apenas os lances que para ella contribuem directamente. É o toureio sóbrio por excellência, o unico admitido pela parte formal da «afición». A Escola Sevilhana, pelo contrario, é cheia de cor e alegria, rica em adornos «pintureros» sem finalidade e quasi sempre exhibidos fora da jurisdicção. Só a graça andaluz conseguiria, sem flagrante ridiculo, tornar admissiveis no sexo forte os adornos e alegrias do toureio sevilhano.

Essas alegrias e adornos constituem no fundo aquilo que o eminente pensador Eugé-
nio de Ors, chamado a depôr sobre o material,

BASKET-BALL

ATITUDES DIFERENTES QUE TIVERAM AS SUAS CONSEQUÊNCIAS...

NESTAS questões da organica do desporto toda a cautela é pouca — para não succeder que as entidades tenham de decretar sanções! A disciplina deve observar-se, sempre, em quaisquer emergências.

Ora vem este introito acerca de algumas atitudes — inteiramente diferentes — verificadas por clubes de Lisboa, Porto, Coimbra, Aveiro e Évora. Temos na nossa banca de trabalho, entre vária papelada, um comunicado da Federação de Basket-Ball em que se notificam as seguintes resoluções da sua direcção: suspensão de todos os clubes da Associação do Porto que tomaram parte em jogos sem terem devidamente licenciados os seus jogadores; suspensão — até que a D. G. D. decida do «caso» — do jogador Abílio da Conceição (Vasco da Gama) — por haver tomado parte em desafios, por aquêl clubê portuense, antes que lhe fosse concedida a transferencia; suspender o Galitos, de Aveiro, por defrontar o Atlético sem que os seus jogadores estivessem licenciados; suspender todos os clubes de Coimbra que tomaram parte em jogos sem terem licenciado os seus jogadores; e, finalmente, suspender, por seis meses, os Azuis, de Évora, porque effectuou um encontro, no período de defeso, com um

clubê não filiado, e ainda porque alinhou com um jogador punido pela Associação de Évora com um ano de suspensão.

De tudo isto resultava que na verdade houve negligência de alguns clubes (os de Coimbra, o Galitos e o Vasco da Gama) e porventura indisciplina de outro — o de Évora. E o caso do último é mais grave, pelas circunstâncias apontadas. Não se comprehendem, realmente, nem a negligência de uns nem a «teimosia» de outro — atitude que obrigou a F. P. B. a penalidade severa. A bem da disciplina, a atitude não podia ter sido outra, embora tenha havido seu quê de benevolência.

Como se comprehende que clubes com responsabilidades e habituados a cumprir — tenham, desta vez, deixado de o fazer? A resposta compete aos interessados...

E, assim, uma época que prometia principiar bem — com um torneio de campeões, em Coimbra, e as visitas do Atlético, ao norte, e do Vasco da Gama, ao sul — pareceu-nos que começou mal, muito mal! Ainda a precissão vai no adro — e já há castigos, suspensões e inquéritos. Tudo em virtude da falta de cumprimento de normas estabelecidas de há muito pelas entidades orientadoras do desporto, consequência directa de negligências que nem sequer têm justificação nem razão de ser. Culpa de quem? Não importa saber — o que sabemos é que os casos verificaram-se e estão bem patentes.

Por outro lado — nem tudo é mau, valia a verdade! — o Atlético soube portar-se dignamente. Foi a Coimbra e ao Porto, a Aveiro e a Gata. Por lá andou a vontade... porque tinha tudo em ordem e estava autorizado a fazê-lo!

A digressão foi coroada do melhor êxito desportivo. E isso é o que interessa — nesta campanha de propaganda, útil, como aqui o dissemos já, mas, agora, prejudicada por um encadeamento de «coisas que não estão certas». Como reflexo delas, o Vasco da Gama prejudicou-se desde logo. Contava vir ao sul — e jogaria em Lisboa, num torneio de que também participariam o Atlético e o Carnide.

É penal E pena que o Vasco da Gama não possa vir agora a Lisboa — mas a culpa é sua. Consequências de atitudes diferentes e do pouco cuidado com que os assuntos foram tratados...

CURIOSIDADES...

O primeiro homem que voou num avião a motor

E' opinião geral que foram os irmãos Wright os primeiros homens que voaram num aparelho a motor. Faz agora quasi 40 anos que estes aviadores effectuaram os primeiros vôos, o mais demorado dos quais durou 69 segundos, no percurso de 260 metros. Foi isto em 17 de Dezembro de 1903. Antes d'elles, porém, já Gustav Weisskopf tinha obtido resultados mais apreciáveis.

Em 14 de Agosto de 1901, ou seja há 42 anos, elevou-se nos ares em Bridgeport, estado de Connecticut, um monoplano que tinha a forma de uma ave; nesse dia voou elle a 60 metros de altura, percorrendo dois quilómetros e meio.

O inventor e construtor d'este aparelho chamava-se Gustav Weisskopf, natural de Ansbach, onde seu pai era funcionário ferroviário e onde ainda vive um seu irmão. Os seus amigos americanos traduziram-lhe o nome para Gustave Whitehead.

Em 17 de Janeiro de 1908 effectuou dois vôos com um monoplano impulsionado por um motor a carbureto, percorrendo 11 quilómetros sobre um lago de Long Island Sound; a carcassa do aparelho era impermeável. Foi o seu 21.º modelo.

Os aeroplanos construidos por Weisskopf tinham aspecto bastante moderno, com rodas acionadas pelo motor, duas hélices e motor de combustão interna.

Gustav Weisskopf, que deve considerar-se, pois, como o primeiro homem que voou num aparelho a motor, falleceu em Bridgeport, a 16 de Outubro de 1927.

CAMPISMO

Fala-se de um grupo portuense: A TRIBU ALPINO CAMPISTA

JÁ tivemos oportunidade de aludir ao interesse dos desportistas nortenhos pelo campismo.

Alguns das suas organizações têm-se distinguido e, pouco a pouco, vão surgindo novos núcleos que animam este desporto, com qualidades para triunfar na região do norte, tão fértil em locais para se conseguirem agradáveis acampamentos.

Ao mesmo tempo que no Porto o campismo se desenvolve, nota-se predilecção especial pela pratica do alpinismo.

O desporto da montanha acusa neste momento, entre os campistas portuenses, grande entusiasmo, que é especialmente animado pela «Equipa Independente de Alpinismo As».

Sabemos que vários grupos de campismo estão decididos a colaborar nessa campanha, procurando a melhor oportunidade para se iniciarem na pratica do montanhismo. Entre esses clubes, destaca-se a «Tribu Alpino Campista», grupo que desde a sua fundação se dedica à pratica do alpinismo.

A acção d'este grupo iniciou-se em 1935 com as digressões ao Monte de Santa Justa, em Valongo e outras aos arredores da capital do Norte.

Um ano depois effectuavam o seu primeiro acampamento em Ermeizinde. Depois mantiveram sempre franca actividade, cada vez mais entusiasmados pelos beneficios e prazeres da vida ao ar livre. Succederam-se as digressões e as relinções de fins de semana, destacando-se ultimamente os seus acampamentos fixos e de férias em Vila Nova de Cerveira, Paredes de Coura e outros locais.

Da sua actividade sobressai a travessia do rio Minho ao rio Lima e a sua colaboração na Aldeia Campista, promovida no Porto.

Interessados em cooperar na divulgação da pratica do campismo, por muito justamente a considerarem meio inteligente de cultura e educação, os componentes da Tribu Alpino Campista prosseguem na sua excelente actividade.

F. S.

não hesitaria em classificar de «Influência do barroco na tauromaquia». Um «Barroco» que, trabalhado em contadas tardes pelas divinas mãos de certo calvo genial de cigana estirpe e de pouco brío, Rafael Gomez, «El Gallo», merecia sem favor a classificação de «Plateresco» da mais pura lavra.

(Continúa)

J. E.

«STADIUM» na Capital do Norte

(Conclusão da pág. 6)

que da bola, é uma segunda edição do extraordinário Artur de Sousa. Daí, e ainda pelo facto de jogar em idêntico lugar — lhe chamarem já o «Pinga 11».

Nos seus dois últimos desafios, o «Tonito» teve coisas que afirmaram bem o seu estofa.

No jogo com S. C. B. foi excelente — e até muito oportuno no pontapé que deu um «goal». No encontro de «reservas» com o Leça, lutando, portanto, com uma defesa aguerrida e forte, ele, o «pequeno Falcão», teve toques de tal «mestria» que por vezes supusemos estar enganados em relação ao jogador que observávamos.

Mas que não se envaldeça... Que continue a ser o «Tonito» e não queira ser muito «Falcão». Há aves que, às vezes, por quererem voar muito alto, perdem a força e caem prematuramente num abismo onde o esquecimento é certo e irremediável...

Um novo parque de jogos

Ao anunciarmos, há meses, a inauguração do «Parque das Camélias», situado em terrenos da rua de Alexandre Herculano — em pleno centro da cidade, acessível a toda a gente — dissemos que a sua gerência estava na disposição de fomentar o desenvolvimento das modalidades desportivas no respectivo recinto.

Depois disso realizou-se ali o I Porto-Lisboa em «volley-ball» e o seu amplo «rink» foi aberto à prática da patinagem.

Veio agora o «boxing», com a desusada assistência que lá ocorreu a demonstrar a boa situação do terreno, afirmando, ao mesmo tempo, que a nossa previsão não tinha sido errada ao asse-

XADREZ

(Continuação da pág. 7)

vel iniciativa, na esperança de que o exemplo frutificasse e de que em breve se ponha termo à letargia a que estão actualmente submetidos os principais centros do xadrez da capital.

A «simultânea» que Vasco Santos, nosso presado colaborador, conduziu recentemente, apresentou uma nota de grande interesse e originalidade: Lupi, um dos «simultaneados», jogou de cor, isto é, sem ver o tabuleiro. Actuando com correcção e segurança admiráveis, o campeão de Lisboa obteve, após duas dezenas de lances, uma bem merecida vitória.

Os outros jogadores, em número de seis, acusaram, de modo geral, sensíveis progressos, e, por isso, não nos admiramos quando o simultaneador se viu forçado a tomar o rei no tabuleiro de Lasvignes e acelar o empate irremediável que lhe propôs Correia Dias. Note-se, todavia, que os derrotados, entre os quais destacaremos os drs. Costa e Sarmento, não jogaram com menos correcção do que os primeiros — a sorte é que talvez não lhes tivesse sido tão favorável.

Na verdade, a melhoria de jogo que aquêles xadrezistas manifestam é um tanto ofuscada pela falta de conhecimentos teóricos e de outros requisitos indispensáveis a todo aquele que pretenda progredir e criar personalidade no «firmamento xadrezístico». A falta de contacto com os jogadores mais experimentados impede, certamente, um ascendente absoluto — o que nos faz pensar nas vantagens que porventura proporcionaria a aproximação mais acentuada entre os amadores da Costa do Sol e os de Lisboa.

Está lançada a idéia. Ousamos esperar possível efectivação.

Revista Portuguesa de Xadrez

Com excelente recheio, saiu mais um número desta utilíssima gazeta pró xadrez, órgão da F. P. X. Além de esplêndidos artigos teóricos e noticiosos, estudos, problemas e de inúmeras partidas nacionais e estrangeiras, o fascículo correspondente a Julho-Agosto insere também o extracto de uma partida publicada na nossa revista — deferência que muito nos penhora.

Agradecemos a oferta do exemplar enviado.

gurar bom futuro a esse novo centro de prática desportiva.

Mas sobretudo pelo acôrdo feito com o «Vasco da Gama» para a disputa naquele recinto dos seus encontros de «basket-ball», o «Parque das Camélias» vem preencher grande lacuna nesta modalidade, pois todos os campos existentes são já pequenos para albergar os inúmeros adeptos que o «basket» conta nesta cidade.

É certo que o público, embora dispondo de grande área de terreno para se colocar, não tem, para já, acomodações com lugares sentados, no género anfiteatro. É de prever que este óbice seja resolvido, para que o «Parque» satisfaça, por inteiro, as necessidades que lhe impõem a directriz que está seguindo.

Entretanto, vamos rejubilando com a notícia que põe de parabéns toda a gente — clubes, jogadores e público.

A semana de relance...

OS matosinhenses têm às vezes coisas curiosas. Lógica e matematicamente, bateram o Académico em todas as categorias.

O lance pode deixar de ter interesse, pode mesmo não despertar curiosidade no «indígena». Porque a faceta daqueles jogos que proporcionam este comentário reside, unicamente, neste facto: as derrotas infligidas ao Académico tiveram todas a mesma expressão numérica: 5-1.

O futebol, para nos contrariar, quando dizemos que nele não há nem pode haver lógica, dá-nos destas coisas — que arrelham os «doutores da bola»...

Quem haveria de dizer que o nosso «Vitor», o Guilherme mais galhardo do futebol portuense, se veria em «palpos de aranha» quando as «coisas» pareciam arrumadas?

É como se vê. Anda tudo numa barafunda. Os quartéis generais da «Brasileira» e do «Excelsior» regorritam de pessoas interessadas, que discutem, comentam, prognosticam — até isto... — sobre as possibilidades ou impossibilidades de Vitor Guilherme. Quando este comentário sair a lume, é natural que esteja já tudo arrumado, que as coisas já estejam esclarecidas.

Era este, porém, o panorama quando escrevamos o que se lê. Há pros e contras. Havia quem dissesse sim e quem dissesse não. As apostas engrossavam, ao sabor dos interesses de cada um...

Mas afinal o que há de verdade? Não sabemos... Ou, melhor, sabemos, mas... garantimos ao nosso leitor que a história deste «imbróglio» dá pano para mangas...

O campeonato bracarense está na berlinda... O Famacão e o Sporting de Braga parecem estar na disputa do título com todo o afinco. A luta é tenaz e parece que os famalicenses estão a ganhar «genica» para arrelhiarem o nosso Rui.

Pelo menos tem sido o grupo, até hoje, com um comportamento mais definido. Já o Vitória não vai na senda costumada. Também as pretensões do Fafe estão mal acauteladas.

Vamos a ver. Mas deixem lá que teria certa gaça se, desta feita, um grupo provinciano — mas dos legítimos — conquistava o direito a entrar no grande torneio, na «Taça de Portugal», por exemplo.

A nossa Associação de Futebol parece animada do melhor desejo de ser útil aos clubes da promoção. Assim anuncia aos jornais em circular que temos presente. Facilitará a sua admissão, dando todas as probabilidades para que aumente o interesse pela modalidade.

Estas atitudes só merecem louvores. Bom será que da parte dos interessados se corresponda a este gesto, que só prova a boa gestão dos negócios futebolísticos do nosso agestão.

ROBERTO AMIAL

A propósito...

JOSÉ SOARES

fala-nos de patinagem

TEM-SE dito muita vez que o desporto e a arte são modalidades afins. E até certo ponto é verdade — porque há atitudes desportivas que são verdadeiros motivos de arte. Algumas especialidades prestam-se maravilhosamente ao efeito. Neste caso o hipismo, o ténis, os saltos para a água, várias modalidades do atletismo. Quantas mais?! A patinagem, por exemplo. Que figuras maravilhosas de arte nos deu Sonja Henie, a rainha da neve e do gelo! Mas há mais, muito mais. Na patinagem com patins de rodas também podem desenhar-se figuras admiráveis. José Soares é um dos cultores mais perfeitos deste género de patinagem. E Ivone Torres, figurinha gentil de mulher, grácil e desenvolvida, verdadeiro «biscuit» de preciosa gama?! Estes dois nomes são, sem dúvida, os mais cotados das reinliões de patinagem que se têm feito através do país. Não citamos mais — para não suscitar ciúmes, inadmissíveis na família desportiva, e evitar, claro, azedumes de uns e de outras...

O artista José Soares é elemento bem cotado no género. De primeiro plano. A sua perseverança ficou-se devendo o conhecimento e a propagação, feita à custa de esforços e sacrifícios sem conta, da patinagem artística. Bem secundado por vezes, é certo. Mas nem sempre compreendida a sua dedicação! Mas, a pesar de todas as contrariedades e dissabores por que tem passado — José Soares nunca desanimou; antes lutou sempre sem desfalecimentos, e cada vez com mais vontade e fé. E a sua dedicação à patinagem operou prodígios. Venceu. E a campanha triunfou. A patinagem cria, de cada vez, mais adeptos e simpatizantes. Eis um desporto triunfante.

À mesa do «Palladium». Em volta, muita gente. Centro cosmopolita — onde se abergam, à tarde e à noite, pessoas de várias camadas. Tem ali cátedra o cinema e o teatro, a arte e o desporto, gente de todos os mestres de todas as castas e feitios. José Soares é um frequentador habitual daquele centro de cavateira. Como nós, como tanta gente, afinal. É uma noite destas a palestra deixou para a patinagem. Arquivem-se as declarações do amigo e do desportista. Que, em se tratando de informação ao público, o jornalista alheia-se de toda a inconveniência; e é, em regra e até por indole, indiscreto e atrevido...

— Acalento, de há muito, um lindo sonho: a criação de um núcleo de propaganda da patinagem. Será sonho? Por que não uma realidade? Desde que se reunissem vontades — e há tantas, por aí, dispersas... e mal aproveitadas! — era possível materializar a idéia. Não achas?...

José Soares deixa a pergunta em suspenso! E como não encontra resposta — que o sonho é belo demais! — logo prossegue:

— Era minha idéia criar o núcleo. De acôrdo com os preceitos do mais puro amadorismo, claro. É uma questão de princípios que eu defendo! Mas é necessário um fundo de reserva, criar uma verba especial para a aquisição de material e indumentária própria. Como?! Com o produto de festas — com características de propaganda, através dos vários «rinks» de Lisboa e arredores. A província? Mais tarde, quando tudo estivesse em ordem e no bom caminho. Temos um grupo de aficionados — rapazes e raparigas, estas, especialmente, mais disciplinadas e animosas — que podiam muito bem refinar-se uma vez cada semana. Para troca de impressões. E para treinos. Há tanta beleza nas «figuras» de patinagem artística! Tanta harmonia! E, em conjunto, então, podem idealizar-se números lindos...

«Estou disposto a trabalhar. Sem distinção de clubes — todos por um e um por todos: eis a divisa, que deve entender-se por propaganda da patinagem — o núcleo seria a materialização de um sonho. Daria espectáculos com seqüência certa. Dar-se-ia o aspecto de continuidade —

(Conclui na pág. 14)



O nosso director, Sr. de Guimarães de Matos, entrega ao presidente do S. A. Dafundo a taça "Stadium" conquistada no recente torneio de "Water-polo" que a nossa equipa estreitou.



Francisco Salgado e Carlos Azevedo Júlio, do Estoril Plage, que estabeleceram novos «records» da categoria de principiantes



Os estudantes espanhóis que efectuaram a viagem Toledo-Lisboa pelo Tejo. Em cima, o momento da chegada a Santarém



Fernando Leal, do S. A. Dafundo, «nadador-completo»



Concorrentes à "Rampa do Vale de Santo António"

Silva Ruiivo

visto por Jorge Monteiro

primeiro
"boxeur"
português

compellidores), «leves» (com Plácido Monteiro, em Benfica: k-o ao 1.º «round»), «meios-médios» (com Tavares Crespo, no Coliseu dos Recreios: pontos, em 10 «rounds») e «médios» (Herculano Rodrigues, no Ateneu Comercial de Lisboa: k-o ao 1.º «round»). Só de uma vez teve três campeonatos: «meios-leves», «léves» e «meios-médios».

Já lá vão vinte anos! Ou mais... Silva Ruiivo era então o ídolo desportivo da actualidade, o homem que empolgava multidões — como hoje sucede com Beni Levi. E fômos, era natural, na «avalanche»... Sonhos da mocidade, que passam e se diluem, para não voltarem...

Tronco possante e forte, punhos de aço, Silva Ruiivo «enchia» a nossa imaginação juvenil. Era um ídolo, um «boxeur» de fibra — um atleta pujante, cujas lutas entusias-mavam. Conquistou-nos. E um dia quisémos também praticar «boxing». Silva Ruiivo, o Mestre, encaminhou os nossos passos vacilantes... Mas a ilusão durou o tempo que duram tôdas as ilusões da juventude! Ainda hoje recordamos com saudade êsse tempo.

E é agora a altura própria para render ao Mestre a homenagem a que tem jus, pela sua conduta de desportista, pelo valor atlético então demonstrado. Esta, a homenagem do discípulo agradecido.

¿Quem é Silva Ruiivo?! O primeiro «boxeur» português, um homem que conseguiu impôr o «boxing» entre nós — numa altura em que nem sequer se pensava nisso...

Hoje — Silva Ruiivo é uma pálida sombra de si próprio! Vai ser homenageado, publicamente, dentro de dias. Quem o conheceu e o viu outrora na plena posse de todos os seus recursos de atleta nato — não reconhece, no Silva Ruiivo de hoje, o Silva Ruiivo de há três décadas! É que a idade não perdoa...

Por isso, Silva Ruiivo merece que o consagrem! Pelo que fez a favor do «boxing». Do desporto, em suma — que êle honrou sempre e sempre procurou ennobrecer.

* * *

José da Silva Ruiivo nasceu no Cadaval, aos vinte e sete dias do mês de Fevereiro do ano de 1893. Tem, pois, cinqüenta anos. Começou a fazer «boxing» em 1908 — já lá vão 35 anos... Uma vida! E como nasceu o gosto de Ruiivo pela esgrima de punhos?! Muito simplesmente: nesse ano disputou-se, em Sidney, o «match» Tommy Buris — Jack Jonhson, para o campeonato do Mundo. Era grande o interesse pelo combate dos dois famosos gigantes do «ring» — e a propaganda, através da Imprensa, foi grandiosa para a época. Ruiivo entusiasmou-se de tal modo que quis ser «boxeur»: o primeiro de Portugal.

Nesse tempo, o «boxing» era tido como brutalidade. Impróprio de gente... Mas Silva Ruiivo nem por isso perdeu confiança! Pelo contrário: lutou sempre, cada vez com mais ardor e vontade. Venceu! Sucede sempre assim com homens da tempera de um Ruiivo...

Contrariedades. Dissabores. Foi uma batalha titânica para impôr-se e ao jôgo que então cultivava, com entusiasmo e carinho. Aqui, um parentesis: de entre alguns amigos que o acompanharam nessa cruzada, é justo destacar os nomes de Humberto Vieira Caldas — que foi, também, um bom atleta — e Nascimento Liz.

Primeiramente no Lisboa Sport Gimnásio (aos Anjos; depois em Santo António dos Capuchos; e, mais tarde, na calçada de Santo André), a seguir no Sport Club Progresso, cuja sede era na rua da Vinha — Silva Ruiivo criou escolas de «boxing». E a sua perseverança operava milagres! De uma vez em que não tinha «sala», Ruiivo utilizou, para treinos, a cocheira do palácio da sr.ª marquês de Ficalho, na rua dos Caetanos, ao pé do Conservatório Nacional de Música...

Além do «boxing», Silva Ruiivo praticava com assiduidade quási todos os desportos: foi «marathon» — correndo ao lado do saudável Francisco Lázaro, de Serafim Martins, Matias de Carvalho e Arnaldo Garcez, ídolos da época — e fez «cross», luta (com Manuel Grilo e os amadores Benjamim de Araújo e António Pereira, que foram «olímpicos»), «jiu-jitsu» (com Kirano, discípulo do famoso Raku), lançou o disco e o dardo e saltou em altura e em comprimento. Era, na verdade, um desportista eclético — que representou várias vezes, em competições oficiais, o Lisboa Sport Gimnásio, o Clube Internacional de Futebol, o Gimnásio Clube Português e o Sporting Clube de Portugal, o último o da sua feição...

Lutou em Portugal, Espanha e França. Em Lisboa, Pôrto, Faro, Caldas da Rainha, Figueira da Foz, Viseu, Braga, Evora, Elvas — onde calhava! Madrid. E em Paris. Foi o primeiro «boxeur» profissional português, estreando-se em 1909. Mestre de «boxeurs», Silva Ruiivo criou escola e teve discípulos, muitos, que o honraram. Alguns nomes: Abel da Cunha, Silvestre Alves da Silva, Tavares Coutinho, Mário Garcia, Simões Mendes (o primeiro campeão português de «mínimos»), Raúl Castro, César Rumina, Henrique David, António Cardoso, Silva Adães e Armando Correia. Foi campeão nacional de quatro categorias: «meios-leves» (título ganho sem

Silva Ruiivo combateu homens de valor internacional e conhecidos há vinte anos: os franceses Mário Gall, Marius, Jean André e Cadieux; os espanhóis Miró, Armengol, Rojas e Americano; o canadiano Leducq e os americanos Jack Haloon e Harper. Jogou com inúmeros portugueses, sendo os seus adversários mais categorizados: Tavares Crespo, Faustino Pereira, Ferreira Júnior, Reis Costa, Manuel Guita e Silvestre A. Silva, o último um antigo discípulo de Ruiivo, que manteve aulas de «boxing» no Gimnásio, no Lisboa Gimnásio, no Ateneu Comercial e no Centro de Armas e Sport.

A última luta de Ruiivo foi contra o francês Sérge. Em 1924. Há quási vinte anos... E só agora, decorrido tanto tempo — vai ser-lhe prestada homenagem. Justíssima homenagem, à qual nenhum desportista deve faltar. E muito menos aqueles que êle — o Mestre — encheu de satisfação, pela sua valentia de lutador, pela sua muita amizade ao «boxing»: um desporto de que foi figura grande, talvez a figura de maior projecção do «boxing» português. E não se olvide, nunca, a circunstância de Ruiivo ter sido o verdadeiro introdutor — e animador, durante anos — da esgrima de punhos em Portugal.



Atlético como poderia pender para os Unidos. De resto, o empate seria a justa expressão.

O desafio teve singulares atractivos de emoção, nem sequer faltando o *goal* fantasma e o *goal* injustamente invalidado, espécies que contribuem para o encanto do jogo, pelas discussões que originam e agitação que provocam.

O Atlético, com vários pontos fortes, continuou a afirmar-se equipa capaz de feitos; e o Unidos subiu, em relação aos últimos jogos, fazendo o seu característico e agradável jogo de conjunto.

A renovação sportinguista pode dar desaires. Peyroteo em jogo

A renovação sportinguista pode dar desaires, como facilmente se compreende. É isso motivo para que se ponha de lado a ideia de renovação de um grupo que acusava, em toda a sua vida e palpação, a necessidade de sangue novo? A resposta não pode ser senão uma. O que se torna necessário é acutelar devidamente essa operação, o dizemos isso sabendo perfeitamente, por instintivo, que esse é o espirito dos que orientam a equipa.

Não admira, portanto, a sensível baixa sportinguista, que não é tão acentuada como poderia ser. Haja em conta que o Belenenses, por exemplo, perdeu durante muito tempo, sofrendo a descença da sua massa associativa, para hoje vencer e brilhar, verificando-se o reflexo dos associados.

Diz-se, e parece ter sido assim, que o Sporting fez uma desoladora acção, valendo-lhe o esforço e poder de remate do seu avançado-centro, que talvez não tenha as simpatias de muita gente, até de dirigentes-técnicos, mas cujo val e é inegável, precisando apenas de ser conscientemente aproveitado.

Aborrecida com a primeira parte, a equipa sportinguista apertou o cerco no segundo tempo, saindo-se atrosamente de uma contenda aparentemente comprometida.

O facto serviu, ao menos, para revelar mais uma vez os nitidos progressos do *team* do Fósforos, tendo em conta, no entanto, que se encontra na fase de adaptação a um sistema. Portanto, que o onze deverá melhorar ainda mais, quando senhor dessa ciência. Mas não matem — pelo amor de Deus — as belas qualidades de luta que distinguiram o Fósforos, qualidades que livraram o clube, em duas épocas seguidas, do tormento da segunda divisão.

Os números falam...

Ao fim da 1.^a volta, este fim pega imediatamente com o inicio da 2.^a Volta, a *classificação geral* exprime-se da seguinte maneira, em números, e indicações complementares.

1.^o *Belenenses* 15 pontos (5 vitórias em cinco jogos, 23-8 em bolas). 2.^o *Benfica* 12 pontos (3 vitórias, 1 empate e 1 derrota, 20-11 em bolas). 3.^o *Sporting* 12 pontos (3 vitórias, 1 empate e 1 derrota, 16-11 em bolas). 4.^o *Atlético* 9 pontos (2 vitórias e três derrotas, 17-21 em bolas). 5.^o *Fósforos* 7 pontos (1 vitória e 4 derrotas, 9-23 em bolas). 6.^o *Unidos* 5 pontos (cinco derrotas em cinco desafios, e 10-23 em bolas).

Para se extrair a verdade dos números apresentados, torna-se necessário não esquecer a distinção entre jogos em casa e fora de casa, distinção que, embora parecendo, não tem nada de subtil, tal a sua verdade. O Belenenses livrou-se do grande obstáculo do Lumiar. A sua deslocação mais difícil, que o domingo próximo dirá se tem ou não impor-

LANÇA MOREIRA

Domingos Lança Moreira, nosso estimado colaborador e antigo director da «Stadium», acaba de passar por um transe muito doloroso para a sua sensibilidade — a morte de sua avó, a quem dedicava enorme afeição. Avaliamos, por isso, o profundo desgosto que o punge neste momento. E acompanhamo-lo, sinceramente, com a expressão da nossa camaradagem.

Nesta manifestação de dor abrangemos Domingos Moreira, pai do nosso querido camarada e também nosso presado colaborador.

A ambos, pois, os nossos comovidos pesames.

FUTEBOL

Conclusão da página 3

tância, é a do Campo Grande, mas não se pode esquecer as visitas ao Unidos e Atlético, principalmente a da Tapadinha. Justamente, neste campo, encontrará o Benfica o seu maior espolho, pois lhe compete prestar a maior de honra em sua casa ao Sporting e Belenenses. O Sporting só se livrou da Tapadinha. Visitará agora o Belenenses e o Benfica. O Atlético vai ter a honra de receber o Belenenses e o Benfica, tendo no entanto, a difícil deslocação do Lumiar-A. O Fósforos cantou de poleiro na 1.^a volta, mas agora vai viajar com frequência, sofrendo a arremetida de adversários próximos. Para este clube, por exemplo, é muito mais importante a viagem ao campo do Unidos do que a visita às Salésias. O Unidos tem três jogos em casa. Sai, apenas, contra Benfica e Sporting.

As conclusões a tirar dos números e da leitura da 1.^a Volta, tendo em conta as perspectivas do futuro, são as seguintes:

1.^o — O impressionante resultado global do Belenenses, nitidamente destacado em pontos e até em *goals*, e a medida do jogo fornecida pela sua equipa, afirma fortemente as suas possibilidades ao título de campeão de Lisboa, convencendo-nos de que será muito difícil arrebatar-lhe uma glória que o clube tanto ambiciona, embora, por enquanto, não possa ser completamente afastada a ideia de que tanto o Benfica como o Sporting, podem, num ou dois golpes de fortuna, mudar a face das coisas.

2.^o — Pela diferença que o separa do Fósforos, mas principalmente do Unidos, e ainda pelo potencial revelado pelo grupo, o Atlético deverá conquistar, desde que não dê o flanco precisamente contra os mais fracos, a 4.^a posição, o bafejado lugar que abre as portas de ingresso na 1.^a Divisão do Campeonato Nacional.

3.^o — A luta para a fuga ao último posto, oferecendo depois a gravidade de uma discussão séria com o Estoril Praia, já campeão quasi incontestado da 2.^a Divisão de Lisboa, que tudo indica estar a cargo do Fósforos e do Unidos, uma das maiores surpresas do presente torneio, vai ter desta vez singular interesse, quasi dramático, apresentando-se como problema de difficilissima solução.

A *classificação geral* indica ainda um avanço sensível, em jogo e possibilidades, dos clubes geralmente menos considerados. Quere dizer, o Torneio aparece muito mais equilibrado, nas suas seis forças em presença, do que se supunha ao começar a época.

Na II Divisão

Os encontros da sexta jornada do campeonato da II Divisão da A. F. L., realizados no último domingo, tiveram os seguintes resultados:

F. Benfica-Sacavenense	3-2
Marvilense-Operário	4-2
Olivais-Chelas	2-4
Casa-Pia A. C.-Estoril Praia	1-7

Estes resultados tiveram a condão de provocar profundas alterações na tabela das classificações, de tal modo que só o Estoril Praia («leader») e o S. L. Olivais (lanterna vermelha) mantiveram as suas posições. Os mais beneficiados foram o Marvilense e o Chelas, que, empatados no sexto lugar, passaram, também empatados, para o terceiro posto. O Futebol Benfica isolou-se no segundo lugar, perdendo a companhia do Casa Pia A. C., Operário e Sacavenense, que em iguais circunstâncias estão agora em quinto.

...

O encontro entre benfiquenses e sacavenenses — as duas equipas que durante mais tempo mercharam a par — foi o mais equilibrado da jornada. Por duas vezes os de Sacavém estiveram vencedores e por duas vezes os donos do campo estabeleceram a igualdade, para nos derradeiros minutos obterem a vitória, o que

talvez tenha sido facilitado pela circunstância dos visitantes terminarem com 9 homens.

O Marvilense alcançou resultado expressivo e que corresponde ao desenrolar da partida, mas que talvez não fosse muito esperado, em face da boa carreira do Operário.

Os olivalenses, depois do bom triunfo obtido uma semana antes, haviam subido de cotação, e por isso o desfecho do seu encontro contra os chelenses desludiu. Tudo indica que o resultado se harmonizou com o comportamento das equipas.

A vitória do Estoril era esperada. A curiosidade estava só em saber até que ponto subiria o marcador. Passados os primeiros minutos, em que houve equilíbrio, os sacapianos cedaram, permitindo a ascendência dos estorilenses. E a má tarde da defesa dos «negros» a subida do «score».

ZÉ DO PEÃO

O campeonato de Setúbal

A primeira jornada da segunda volta obrigou os três melhores a deslocarem-se: o Vitória para o Barreiro, o Unidos até Amora e o Barreirense para o Montijo.

Todos regressaram, porém, satisfeitos, averbando mais uma vitória, pelo que a classificação não se alterou, registando-se apenas a cedência da «lanterna vermelha», do Seixal ao Amora.

No desafio que despertou maior interesse, o Vitória-Luso, as coisas correram de feição aos setubalenses, pois não tendo sido os melhores sobre o terreno, conseguiram, todavia, a vantagem de três golos sem resposta. Ao Luso faltou-lhe concretizar o domínio que exercera.

Os campeões fizeram o «score» mais expressivo da jornada (7-1), creditando-se de boa exibição perante os amorense, visivelmente desorientados em face do começo fulgurante dos visitantes.

O Onze Unidos, apesar do seu esforço, teve de sucumbir frente ao Barreirense, desta vez por 3-2, resultado que não diz das oportunidades criadas pelos avançados barreirense, que a pouco e pouco estão a compensar-se do seu verdadeiro papel: marcar golos.

No Seixal teve lugar a partida mais equilibrada (3-2 a favor dos seixalenses) como que a dizer não aceitar o Arrentela derrotas dos seus rivais por mais de uma bola...

Em virtude de nos ter chegado tarde o original respeitante ao campeonato do Porto, não o podemos publicar neste numero, reservando, para o próximo, a apreciação de conjunto das duas ultimas jornadas. Da facto pedimos desculpa aos nossos estimados leitores.

José Soares

(Conclusão da pág. 11)

que seria o caminho do triunfo. Se houver quem ajude...

Há, por certo! José Soares merece que o ajudem na campanha de propaganda que se propõe fazer. Apareçam coadjuvantes da ideia — e a ideia realizar-se-á. Por nossa parte, ao seu dispor, com aplauso sincero. Vamos a factos, senhores patinadores e meninas da patinagem?!

JORGE MONTEIRO

90 anos de trabalho!

Está de parabéns o nosso prezado e venerando colega *Jornal do Comércio*, decano dos diários de Portugal, que festejou, no último domingo, o seu nonagésimo aniversário.

Matutino de nobres tradições na imprensa portuguesa, foi durante muitos anos dirigido pelo ilustre jornalista Alberto Bessa, e é, na actualidade, orientado pelo também brilhante jornalista Denis Bordoal Pinheiro a quem «Stadium» apresenta — nesta hora de festa — as suas saudações mais efusivas.

GIL MOREIRA

Encontra-se doente este nosso prezado companheiro de trabalho. Fazemos votos pelo seu pronto restabelecimento.

O Sport Algés e Dafundo recebeu a taça "Stadium"

no festival de encerramento da época de 1943

CUMPRINDO o programa previamente estabelecido, a Federação Portuguesa de Natação organizou no domingo o festival de encerramento da época, que reuniu vários motivos de agrado e proporcionou provas bem disputadas, encerrando, assim, da melhor maneira a temporada natatória de 1943.

O programa abriu com duas tentativas de «écords», ambas no percurso de 500 metros e da categoria de principiantes — uma em braços e outra em «crawl».

Nos 500 metros braços, Carlos Júlio bateu o antigo «écord» por larga diferença. O tempo baixou de 9 m. 40 s. para 9 m. 16 s. Mas a prova valeu, também, pela luta que o vencedor travou com José Alves, o qual fez um nifino igualmente bom: 9 m. 16 s. $\frac{2}{10}$.

Nos 500 metros livres, Francisco Salgado, à vontade, conseguiu 8 m. 4 s. $\frac{4}{10}$ — e estabeleceu o «écord» da distância. Francisco Al-

ves o outro concorrente, lutou com ânimo mas não foi além de 8 m. 38 s.

Outra prova interessante: a do Nadador Completo, que este ano teve a sua edição. Depois de Azinhais dos Santos — o «nadador completo» de 1942 — coube este ano a vez a Fernando Leal, que refinou, de facto, todas as condições para o título que conquistou. Os tempos que obteve nas várias provas são, de facto, dignos de registo: 1 m. 31 s. nos 100 metros braços; 1 m. 20 s. $\frac{4}{10}$; nos 100 metros costas; e 1 m. 11 s. $\frac{8}{10}$ nos 100 metros livres.

Mira Gomes, ainda que vencedor de Leal nos 100 metros costas e nos 100 metros livres, não fez, na prova de braços, o tempo que o regulamento exige. E o outro concorrente, Fernando do Carmo, não voltou a dar-nos ideia do nadador que foi tempos atrás...

As outras provas do programa: Entre os infantis distinguiram-se três nadadores que, durante a época, brilharam normalmente. Guilherme Pratrone venceu os 33 metros livres no belo tempo de 19 s.; Carlos Campanela os 33 metros braços, em 26 s. $\frac{3}{10}$; e Nuno Salvação Barreto os 33 metros costas, em 24 s. $\frac{2}{10}$.

Os principiantes e os juniores corriam, juntos, provas de 66 metros, nos três estilos.

Eduardo Câmara e Sousa foi o vencedor da prova de braços. Revelou progressos e creditou-se de 55 s. Em 66 metros livres, depois de luta apertada, António Palmeirim ganhou bem em 42 s. $\frac{1}{10}$. E Artur Mendes Silva no seu estilo característico, foi o melhor da prova de costas, em 52 s.

Lucília Angeja, Maria de Lourdes Meireles, Maria de Lourdes Bessone Basto e Rosa Lopes, que durante a época se distinguiram frequentemente, brilharam também.

Nas estafetas, que provocaram a habitual animação, o Algés ganhou na de infantis e o Estoril em principiantes e juniores.

Findas as provas, o nosso director, sr. dr. Guilhermino de Matos, entregou ao presidente do Algés e Dafundo, dr. Brásio Antunes, a taça «Stadium», conquistada por aquele clube no recente torneio de «water-polo» que a Federação Portuguesa de Natação organizou com o nosso patrocínio.

Acontecimentos da semana

ATLETISMO — Entre os melhores atletas apurados nas provas que o Sporting organizou, em jornadas anteriores, disputaram-se, na pista da Lousada, antes do jogo principal de futebol Sporting-Fórforos, para o campeonato de Lisboa, corridas de 60 e 700 metros, que foram ganhas, respectivamente, por Jorge Machado (7 s. $\frac{9}{10}$) e Humberto Bastos (1 m. 54 s. $\frac{9}{10}$).

«BOXING» — Augusto de Sousa foi jogar, a Barcelona, com o catalão Martínez Perales, perdendo por pontos em 10 rounds — tendo sofrido dois knock-downs.

— Estava marcada para ontem, no Estádio Mayer, uma reunião internacional, para desempatada a luta Eloy-Guedes e reparcimento de Garcia, campeão da Galiza, devendo fazer-se depois de amanhã, no Campo Pequeno, a reparação do moçambicano Carlos Wilson, ex-campeão nacional dos «lives».

CICLISMO — O Mirantense promoveu a disputa da «III Rampa do Vale de Santo António», que forneceu vitórias de João Lourenço (Sporting), Luis Santos (Lisgás) e Dionísio Soares (Apolo), respectivamente, nas categorias de independentes, amadores e iniciados. Concorreu número apreciável de veicicidistas-trepadores. Por equipas, ganharam o Sporting, o Lisgás e o Benfica.

— O Circuito de União de prova para amadores, no percurso de 88 quilómetros, foi ganho pelo sportingista João Lourenço Júnior, seguido de Martins Ferreira, vencedor das duas primeiras voltas.

FUTEBOL — De todos os desafios dos campeonatos regionais, cuja primeira volta terminou, na maioria dos distritos do País, foi o Vitória de Guimarães-Visela aquela que forneceu a surpresas do dia e o «score» recorde: 20-0. Académica de Coimbra, Vitória de Setúbal e Sporting Farense continuaram «leaders», nas suas regiões.

Resultados principais: Aveiro: Sp. Espinho-Sanjoanense, 2-0; Ovarense-União de Lamas, 3-3; Oliveirense-Beira Mar, 5-2; Beja: Luso-Moura, 3-1; Braga: Sp. Braga-Famalicão, 3-1; Vitória de Guimarães-Visela, 20-0 («écord» das competições oficiais da época); Gil Vicente-Sp. Fafe, 2-1; Castelo Branco: Alcabestrense-Sp. Castelo Branco, 2-1; S. L. Covilhã-Covilhãense, 2-2; Coimbra: Académica-Sport, 12-1; União-Naval, 8-1; Anadia-Lusitânia, 3-3; Évora: Estremoz-Lusitano, 3-1; Juventude-União de Montemor, 7-1; Faro: Sp. Olanhense-Glória, 10-0; Louletano-S. L. Faro, 3-0; Sp. Farense-Lusitano V. B., 5-3; Santarém: União de Lamas-Ferrovários de Entroneamento, 3-2; Matreosa-Sp. Tomar, 2-1; Viseu: Académico-Bodiosense, 4-1; S. L. Viseu-Vousela, 2-2.

— Foi adiada, para dia a anunciar oportunamente, a cerimónia da posse da nova comissão administrativa da Federação Portuguesa de Futebol.

«HOCKEY» EM PATINS — Últimos resultados da «Taça de Honra — 1943»: Ateneu Comercial-Lisgás e Benfica, 9-0 e 5-3; Paço de Arcos-Sporting e Sp. Oeiras, 12-2 e 5-3; Futebol Benfica-Hockey de Sintra e Lisgás, 8-7 e 6-1; Académica da Amadora-Campo de Ourique, 3-1; Benfica-Dramático de Cascais, 3-2; Tabacos-Académica da Amadora, 8-6; Campo de Ourique-Sp. Oeiras, 6-4; Cascais-Sporting, 6-0 (existência dos «leões» à segunda parte) e Hockey de Sintra-Tabacos, 6-4.

O Paço de Arcos, com oito vitórias consecutivas, passou à situação de «leader», descendo o Benfica para o segundo lugar da classificação geral e mantendo-se o Futebol Benfica ainda no terceiro posto.

— No Barreiro disputou-se o primeiro desafio da especialidade, entre «tams» da região: o Naval, de Setúbal, derrotou o Barreiro por 14-1.

NATAÇÃO — No Grémio Dramático Povoense celebrou-se a distribuição dos prémios da «Festa do Mar», recentemente organizada pelo Corpo Voluntário de Salvapção Pública da Póvoa de Santa Iria. Presidiu à sessão o sr. Isidoro Costa, vereador da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira e vencedor prémios o Sporting, Belezenenses, Atlético e Alhandra.

REMO — Doze estudantes da Universidade de Toledo, sob o comando do capitão Luque Récio, da «Falange Espanhola», empreenderam uma longa viagem — 17 dias — através do rio Tejo, desde Toledo a Lisboa, em canoas de borracha apetrechadas para o efeito. Os remadores — dois em cada barco — Seattle, Merlan, Vladimiro, Oslide, Barrera, Aristegui, Tepia, Magarinos, Fernandez, Pablogue, Muñoz e Iglesias, foram recebidos festivamente pelos desportistas portugueses, que em grande número e utilizando barcos à vela e a remo — «sharpies», «ou-gas», «in-riggers», «out-riggers», «yoles» e chaltas, de-

UMA NOITE ACONTECEU...

Era noite! E noite linda,
convitativa e amena,
com luar, feito de prata!
Lá no céu, brilhava, ainda,
uma estrela miú pequena,
em jeitos de serenata...

Coisa bela, por sinal,
que encanta e me seduz!
.....
Coisa assim?! Não vira igual!
Dentro de mim fez-se luz
como nem pudera crêr...

E pensei, num instantinho,
que era a noite ideal
para um lírio madrigal!
Mas o que é que vou fazer?!
Ei-! Vamos! A caminho...
...por esta Lisboa fora!
Ao cinema?! Ora! Ora...
nem nisso quero pensar!
Há calor! Escuridão...
Ao teatro também não!
Estão onde é que hei-de ir?!

.....
Estava na emergência
de não fazer mesmo nada!
P'ra quê tanta diligência?!
Resolvi mandar servir
aliciante bebida

em qualquer esplanada
das que há na Avenida!
Ao pé de mim, um magote
de rapazotas «swings»...

Cada qual com seu dichoto
a damizelas que passam!
Estas coisas embaraçam!
Oigo dizer: Oh! Dominguez
anda dar uma voltinha
ali ao Parque Mayer!...

Era um amigo qualquer
mas que em boa altura vinka.
Um abraço. E outro abraço,
p'ra logo a seguir dizer:

— Tiraste-me o embaraço...
...Nem sei o que hei-de fazer!...
E fui! Mas p'ra vêr o quê?!
O Guedes mais o Eloy!

num combate portentoso
de bom «box» — já se vê!...
Aquilo fez-me impressão
e tremenda confusão!

Levar murros também doi...
Foi uma noite de gozo!!!
.....

Confesso: gostei imenso;
e ainda hoje penso
naquela luta infernal,
encarnação e leal!

Dois homens, assim, à bulha...
...sem se zangarem sequer!
É caso para dizer:

— E se a «coisa» se embulha
que se lhes há-de fazer?!...
Chamam, aqui, desportivo...
Eu vim, de lá, meio-morto,
quasi «armado» em sandeu!!!
Uma noite aconteceu...
Hei-de voltar, só p'ra vêr...

ZÉCAS TLÃO

não de alguns dos principais atradores libboctas acerca da iniciativa em curso.

Retomou a actividade
a secção do Campo de Ourique

O Clube Atlético de Campo de Ourique reorganizou recentemente a sua secção de tiro desportivo. Gente moça, ao lado dos veteranos, anima de novo a actividade do conhecido clube — e esta começou já com a prova comemorativa do 20.º aniversário do C. A. C. O., para prosseguir, na sua carreira de tiro «Henrique José da Ponte», cerca do fim do mês, com a inauguração do torneio inter-clubes para disputada das taças «Outono», «Campo de Ourique» e «Secção de Tiro».

Esta prova disputou-se em três categorias — uma para senhoras e duas para homens, com classificação para atradores já premiados noutras provas, até ao 20.º lugar, na categoria principal e ao 10.º na inferior.

TIRO DESPORTIVO

A projectada Associação
de Lisboa

DESPERTARAM o maior interesse, entre os adeptos e praticantes do tiro desportivo, as considerações publicadas no nosso penúltimo número acerca da necessidade de levar por diante a ideia da Associação do Tiro Desportivo de Lisboa.

Esta iniciativa interessa não só ao prestígio da modalidade, como promoverá em bases novas o seu melhor desenvolvimento.

O facto de se ter conseguido reunir, há alguns anos, todos os elementos necessários para a fundação e instalação da A. T. D. L., é motivo para prever que se movimentem de novo as mesmas vontades e o mesmo interesse registado então — e que só perdeu, no meio de inexpricável silêncio, por falta da ligação indispensável nestes casos.

A bem da popular modalidade, «Stádium» interessa-se por tudo quanto concorra para o seu progresso — e portanto dará ao novo movimento pró-Associação do Tiro Desportivo de Lisboa todo o seu concurso. E brevemente arquivará nas suas colunas a autorizada opi-

vidamente engalanados — os acompanharam na sua última etapa: de Alhandra até Lisboa.

VELA — A equipa do grupo desportivo da Fábrica «Cimento Tejo», de Alhandra, ganhou a segunda regata corporativa, no percurso Alhandra, Cabo, Vila Franca e Alhandra, promovida pela F. N. A. T. e destinada a barcos de recreio com menos de seis metros.

— Entre «sharpies» de 9 e 12 $\frac{1}{2}$ m da Mocidade Portuguesa, disputou-se, em Pedrouços, o troféu «Walter Brachs».



Porto-Boavista: 1 — Correia Dias em luta com a defesa do Boavista; 2 — Salvo para «corner»... Salgueiros-
Leixões: 3 — O esforço da defesa do Leixões para deter os ataques às suas redes

(fotos Hermann)

